



Kremlin considera EUA ameaça naval

Vladimir Putin atualiza doutrina sobre fronteiras marítimas da Rússia e coloca Washington e Otan na mira das forças costeiras. Segundo o governante, a esquadra tem capacidade de responder aos possíveis riscos à "velocidade da luz"

Num momento de forte embate com o Ocidente em consequência da guerra com a Ucrânia, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, apontou os Estados Unidos e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) como principais ameaças marítimas ao país. Ontem, o líder do Kremlin assinou uma doutrina naval atualizada de 55 páginas, delineando as fronteiras costeiras e estabelecendo objetivos estratégicos da Marinha, incluindo o Mar Negro e o Ártico.

Discursando após um grande desfile naval no Rio Neva, em São Petersburgo, Putin disse que a nova doutrina identifica os mares Ártico, Negro, Okhotsk e Bering, bem como os estreitos do Báltico e das Curilas, como áreas de interesse nacional. "Vamos garantir sua proteção por todos os meios", disse o líder russo sobre esses corpos d'água, cujas fronteiras marítimas são disputadas por Moscou. O decreto foi assinado durante as comemorações do Dia da Marinha e já entrou em vigor.

A doutrina cita as atividades e o crescimento potencial da aliança militar ocidental da Otan, o suposto desejo dos Estados Unidos de dominar os mares e as alegadas reivindicações no território da Rússia por vários estados estrangeiros como as principais ameaças à segurança do país. Putin enfatizou que a capacidade da Marinha de responder a ameaças com a "velocidade da luz" foi fundamental para "proteger a soberania e a liberdade" do país. "As forças costeiras, de superfície, aéreas e submarinas da Marinha permanecem em alta prontidão e estão constantemente sendo aprimoradas", acrescentou.

AFP



As forças costeiras, de superfície, aéreas e submarinas da Marinha permanecem em alta prontidão e estão constantemente sendo aprimoradas"

Vladimir Putin,
Presidente da Rússia

O presidente também disse que Moscou pretende intensificar a exploração mineral do Ártico e aumentar o potencial das frotas do norte e do Pacífico. Ele destacou a importância estratégica dos recentes esforços do país para desenvolver sua Rota do Mar do Norte de 5,6 mil quilômetros — que permite que navios porta-contêineres e outras grandes embarcações viajem ao longo da costa ártica da Rússia, de Novaya Zemlya ao Estreito de Bering — "segura, competitiva e livre de gelo o ano todo".

Putin prometeu continuar a "construção em larga escala de navios e embarcações e programas de pesquisa científica marinha" e também disse que a Marinha receberá missões de cruzeiro hipersônicos Tsirkon nos próximos meses. Segundo o presidente, a fragata Almirante Gorskov será a primeira a receber o novo armamento, para o qual ele afirmou que "não existem obstáculos". Por fim, o governante disse que a área de operações da embarcação será determinada com base no que chamou

de "interesses de segurança russos".

A doutrina marítima foi adotada pela primeira vez em 2001. O documento foi atualizado pela última vez no verão de 2015, após a anexação ilegal da península da Crimeia na Ucrânia pela Rússia e em meio aos esforços de expansão da Otan.

Ataque

Nessa região ocupada por Moscou, onde fica a sede da frota russa no Mar Negro, um ataque aéreo

com um drone explosivo feriu seis pessoas, segundo o governador de Sebastopol, Mikhail Razvojaev. "Os nacionalistas ucranianos decidiram estragar o Dia da Marinha Russa", postou, em sua conta do Telegram. De acordo com ele, todas as festividades no local "foram canceladas por razões de segurança". As autoridades ucranianas, porém, negaram estar por trás do atentado.

"Um suposto ataque ucraniano à sede da frota russa em Sebastopol é uma provocação deliberada", disse Sergi Bratchuk, portavoza da administração regional de Odessa (sul da Ucrânia), em um vídeo, também no aplicativo de mensagens instantâneas. "A libertação da Crimeia ucraniana ocupada acontecerá de outra maneira muito mais eficiente", acrescentou.

Na noite de sábado, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, pediu aos moradores de Donetsk que deixassem a região para escapar do "terror russo" e dos bombardeios neste território no leste do país, em grande parte sob o controle de Moscou. A vice-primeira-ministra ucraniana, Iryna Vereshchuk, já havia anunciado a evacuação compulsória da população local, uma das duas regiões administrativas da bacia industrial do Donbass onde a Rússia está ganhando terreno.

Ela justificou a decisão pela destruição da rede de gás e pela ausência de aquecimento no próximo inverno na região. Pelo menos 200 mil civis ainda vivem nos territórios de Donetsk que ainda não estão sob ocupação russa, segundo uma estimativa das autoridades ucranianas.

TOUR PELA ÁSIA

Pelosi inicia viagem sem confirmar Taiwan

Em meio às advertências de Pequim, o gabinete da presidente da Câmara de Representantes dos Estados Unidos, Nancy Pelosi, confirmou oficialmente, ontem, o início de uma missão liderada pela parlamentar em visita a quatro países da região Ásia-Pacífico. Entretanto, não houve menções a uma possível escala do grupo em Taiwan. Na semana passada, o presidente Xi Jinping advertiu que Washington terá de assumir "todas as consequências" de uma possível passagem da democrata pela ilha autogovernada, que a China considera como parte de seu território.

Segundo as informações divulgadas ontem, a missão liderada por Pelosi, com seis integrantes, passará por Cingapura, Malásia, Coreia do Sul e Japão. "A viagem se concentrará na segurança mútua, parceria econômica e governança democrática na região do Indo-Pacífico", assinalou o comunicado.

"Nossa delegação realizará reuniões de alto nível para discutir como podemos continuar avançando em nossos interesses e valores compartilhados, incluindo paz e segurança, crescimento econômico e comércio, a

AFP



Missão liderada pela democrata acirrou ânimos entre EUA e China

pandemia de covid-19, a crise climática, direitos humanos e governança democrática", comentou Pelosi na nota.

As relações entre Washington e Pequim atravessam um novo período de tensão desde que foi levantada a possibilidade de Pelosi visitar Taiwan. A China considera Taiwan, uma ilha autogovernada de cerca de 23 milhões de habitantes, como uma de suas províncias, que ainda não foi reunificada com o restante de seu território desde o fim da guerra civil chinesa (1949).

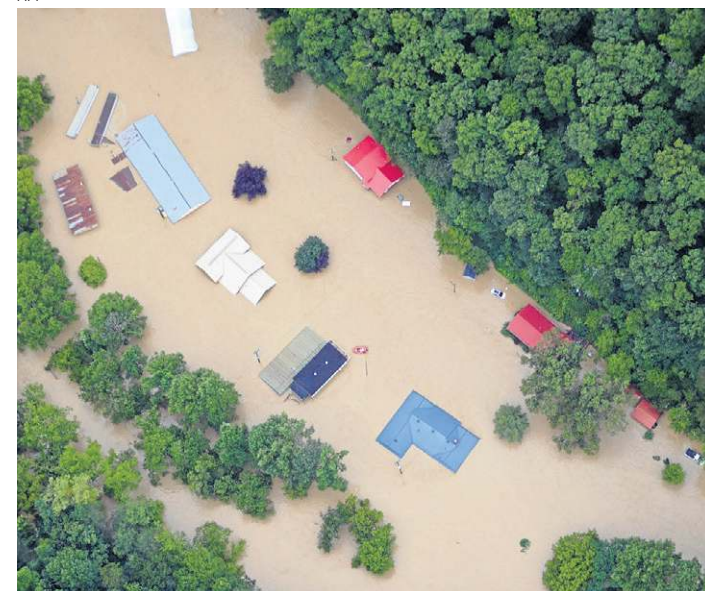
Pressão

Pequim aumentou a pressão militar e diplomática contra Taipei desde a eleição, em 2016, da presidente Tsai Ing-wen, que vem de um partido separatista. Ao mesmo tempo, as tensões entre China e Estados Unidos também aumentaram por várias vendas de armas americanas a Taiwan e a visita à ilha de políticos americanos que chegaram a oferecer seu apoio às autoridades taiwanesas.

O governo de Xi se opõe a qualquer iniciativa que dê legitimidade internacional às autoridades taiwanesas e qualquer contato oficial entre Taiwan e outros países. Na quinta-feira passada, o presidente Joe Biden e o colega chinês tiveram uma tensa conversa telefônica. Em dado momento, Xi advertiu que os Estados Unidos não deveriam "brincar com fogo" quando se trata de Taiwan. Nessa mesma linha, o portavoza da Força Aérea chinesa insistiu, ontem, que a defesa do território chinês é a "missão sagrada" do Exército.

Na conversa com Xi, Biden assegurou que a posição da Casa Branca sobre Taiwan não mudou e que seu país se opõe aos "esforços unilaterais para modificar o status ou ameaçar a paz e a estabilidade no Estreito de Taiwan". Na semana passada, o Exército taiwanês realizou seus maiores exercícios militares anuais, que incluíram simulações de interceptação de ataques chineses a partir do mar. Ao mesmo tempo, o porta-aviões americano USS Ronald Reagan e sua frota partiram de Cingapura para o Mar da China Meridional, segundo a Marinha dos EUA. Em resposta, no sábado, a China realizou um exercício militar com "munição real" no Estreito de Taiwan.

AFP



Mortes e destruição no Kentucky

As péssimas condições climáticas comprometem os esforços das equipes de resgate em busca de vítimas e sobreviventes das graves inundações que devastaram o leste do estado americano de Kentucky. Muitas áreas da região permanecem inacessíveis, ontem, depois que as inundações transformaram estradas em rios, destruíram pontes, varreram casas e mataram pelo menos 26 pessoas, segundo os últimos dados oficiais. "É uma das inundações mais devastadoras e mortais que já vimos em nossa história (...)"

E no momento em que estamos tentando cavar, está chovendo", disse o governador Andy Beshear ao programa *Meet the Press*, da NBC. "Vamos encontrar corpos por semanas, muitos deles varridos centenas de metros", estimou.